



# GIL VICENTE



VISITACÃO

*Pardiez! siete arrepelones  
Me pegaron a la entrada  
Mas yo di una puñada  
A uno de los rascones  
VAQUEIRO.....*

**Semanario monarchico-Integralista**  
(Literario e Noticioso)  
Orgão e propriedade da  
*Junta Municipal de Guimarães*  
Redac. e Adm.: Aven. do Comercio, 104

Director — *D. José Ferrão*  
Editor — *M. A. d'Oliveira*  
Comp. e imp.: TIP. LUZITANIA  
Rua Gravador Molarinho, 47  
GUIMARÃES



# O Regicídio

1.º de Fevereiro

IN MEMORIAM...

# O Refoios de Menezes

por NUNO DE MONTE MOR

Foi ha desesseis anos a tragedia e ainda hoje a rememoram-nos cheios de horror.

Um Rei, um grande Rei, que então tomara a sério a dura mas precisa missão de reinar e um Príncipe que era uma esperança radiosa caíram assassinados no Terreiro do Paço, por dois sicários que os mandantes depois glorificaram.

Foi o primeiro grande crime, duplo crime, sobre que a Republica se alicerçou. Foi o começo da série de desastres que se tem seguido ininterruptamente levando a Nação á desgraçada situação presente, que nada mais é que a expiação do monstruoso crime.

Sobre D. Carlos se lançaram e escreveram as maiores infamias que os políticos da Monarquia derrubada em 1910 apoiaram e auxiliaram.

D. Carlos, *Rei de uma Monarquia sem monarchicos*, foi a maior vitima dos partidos políticos e das ambições desmedidas dos seus chefes. Foram eles que auxiliaram ao crime hediondo, foram eles que, combatendo a ditadura do Estadista João Franco, tornaram possível a atmosfera que provocou o regicídio.

Sicários sem alma, os republicanos exibiam todo um sudario mentiroso nos tabladados dos comícios. E ainda hoje esses monstros sem coração que tem por únicos guias o estomago e a gamela orçamental se atrevem a reeditar as suas infamias.

O que os republicanos queriam para começarem a dar sinal de si, era um pretexto. E este appareceu, servindo de argumento ao movimento do Porto, a que as carabinas da Guarda Municipal, sob o comando do major Graça, põem termo.

Odiavam os Reis, as Monarquias, as tradições e, muito curtos de cerebro (desse mal ainda se não curaram), liam como ainda lêem pela cartilha da revolução francesa no tempo em que o bom senso e a Inteligencia se riam já a bom rir das teorias do vagabundo de Genebra, das tiradas tribunicias de Danton e das fauces de hiena de Marat.

E Rei e Ministro, unidos pela mesma fé, por aquela fé nos destinos da Patria que eguala o coração dos pastores ao coração dos Principes e ampara os herois, lutaram com uma tenacidade e uma energia desesperadas; combateram obcecadamente, divinizados por uma confiança imarcessivel no triunfo da verdade do seu esforço; inflamados de amor patrio, seguiram a sua visão de iluminados com uma decisão sobre-humana da qual brotavam todos os bens que

a fé abundantemente faz brotar de todo o sacrificio. A fé nos destinos da Patria e a consciencia da missão dos Soberanos indicaram imperativamente a D. Carlos I o caminho do dever: *reinar*.

Tomou-o. Libertou-se abolido a carta; governou restaurando o Trono.

Eramos respeitados entre os povos e favoritos dos seus Soberanos; eramos unidos e fortes; era a nossa terra farta e feliz.

Reconstruíam-se a Monarquia; equilibrava-se com segurança a economia nacional; organizava-se o exercito e a marinha; regiam-se as finanças; impunha-se duramente a moralisação dos serviços publicos; cuidava-se atentamente do nosso dominio colonial; lecia-se habilmente a politica internacional.

A invocação do Rei, Deus de novo traçava sobre Portugal a benção fecunda que d'ele parecia ter afastado com desgosto...

Despertou-se então a vibração republicana já vencida... No dia 1 de Fevereiro se soube que mãos ignobes de autenticos criminosos, deceparam o sonho do Resgate e matavam no Rei a Monarquia e no Principe seu Filho o resto de toda a esperança. Sobre o cadaver de D. Carlos, que lhe travára o passo durante dois batalhados anos, correu alvoroçadamente o inimigo libertado. Nada, de ora avante, impedia a sua victoria sobre a Nação: a carta, governando de novo, algemava, inutilisava toda a grande obra.

Consumado o sacrificio do Rei, começou o calvario da Patria que o não compreendera vingando o e mantendo a sua obra. O sangue de Carlos, o Martir, caiu sobre a Nação que não soube, impondo o triunfo do Trono, coroar de louro a fronte de Carlos, o Grande. A expiação, já longa e dolorosa, mais longa e mais dolorosa proseguirá, exigindo talvez a vida de Portugal, se o verdadeiro sentido do Resgate não se definir no coração de todos.

Se na lista dos cadaveres que marcam as efemerides da republica é o primeiro inscrito o Rei que tentou salvar a Patria, o ultimo será o cadaver da Patria se a não salvarem primeiro aqueles que hoje se erguem unanimemente a consagrar a memoria do Rei, desejando a Monarquia Pura que consinta a sua obra e se erguem a execrar os bandidos que o mataram e os que lhe ordenaram a morte e hoje governam a Patria que então aniquilaram, para desonra della e nossa.

Hora de luto, hora de dór, hora de meditação esta que passa.

Aos nossos olhos assomam, de momento a momento, lagrimas sentidas de saudade; no nosso cérebro confundem-se, entrechocam-se, as ideias, e na nossa alma é a tristeza que assenta campo.

Hora de dór, hora de meditação!

Os nossos labios murmuram rezas fervorosas, preces que se vão repercutindo, peçadas e tristes, até ao Infinito, até Deus, até ás mansões celestes; rezas que nos recordam uma tragedia tão grande, tão horrorosa, que veio manchar de sangue, as paginas doiradas da nossa Historia e cobrir de luto e de tristeza todo um povo glorioso.

E os nossos olhos choram, e os nossos labios só sabem pronunciar rezas fervorosas, rezas peçadas e tristes que vão até junto de Deus.

Hora de luto, hora de lagrimas!

1.º de Fevereiro! 1.º de Fevereiro! Que de recordações tristes esta data em si encerra.

Veem até nós as badaladas lugubres dos campanarios, o tanger dolente dos sinos, e aos nossos olhos perpassa, em visão sinistra, o crime hediondo que na tarde do 1.º de Fevereiro de 1908 foi perpetrado contra um grande Rei e contra um innocente Principe.

Essa terrivel tragedia assemelha-se a um desses tórvos factos em que ha um sópro de super humanidade. E na piedosa romagem da memoria, atravez dessa sangrenta data, maiores tornam as grandes figuras do Rei e do Principe que tanto amaram a sua Patria e tanto se esforçaram por engrandecê-la.

Vão-se passando os anos; mas da nossa memoria não se varreu nem se varrerá já-mais a recordação da tragedia que poz termo á vida de dois grandes Reis, que na exacta crença das suas missões incarnaram os Seus interesses e os da Causa nos da Nação.

D. Carlos I soube impôr-se á consideração de todo o país e de todo o mundo. Mataram-no e os seus assassinos encontram-se ainda impunes, victoriosos, colhendo os frutos que esse hediondo crime lhes proporcionou.

Jurêmos vingar as suas mortes porque é necessario castigar os verdadeiros culpados. A hora da Justiça ha de chegar porque assim o exige o sangue dos Régios Martires.

E enquanto os sinos do-bram a finados, recordando-nos o crime monstruoso, tenhamos fé na redenção da Raça. Pela nossa fé morreram El-Rei e o Principe Real D. Luís; pela sua fé Os mataram. Curvemo-nos reverentes e

«Hoje leitores, não venho dizer-lhes um conto, mas uma historia.

Para a ouvirem, aqueles que tiverem um bom espirito recolham-se, piedosamente dentro de si, porque eu conto-a de joelhos.

Em maio de 1921 encontrava-me eu doentissimo em Coimbra, quando recebi, de Hipolito Raposo, uma carta anciosa que se resumia nisto: «O pobre Refoios cada vez peor. Precisamos salvá-lo. Veja se consegue um medico amigo e um quarto aciado onde o ar da nossa Beira possa curá-lo».

Eu conheci o Refoios de com ele me ter encontrado na redacção da *Monarchia* quando ele ahí voltou a primeira vez depois de Monsanto, e da prisão que o arruinou.

Quando abracei sobre o meu peito o seu vulto franzino e olhei á altura dos meus hombros, o seu rosto de côr da cêra, pareceu-me um cirio da Paixão, tendo por flamas vivas a sua lingua ardente de patriota e os seus olhos vivos e fortes.

Tinham já decorrido quatro meses depois da carta de Hipolito Raposo quando voltei a ver o Refoios.

Eu encontrara para ele o medico amigo, intelligente e magnanimo, e um quarto limpo, á beira da Estrela, para se curar.

Achei-o mais forte, aparentemente mais forte, sem um desanimo para a cura, mas tambem sem uma esperança.

Em frente duma paisagem imensa, erichada de serras azues que se sumiam por Hespanha dentro, ele olhava, por um grande binoculo, detalhes de varzeas e serranias.

Depois de uns minutos de conversa, disse-me, apontando ao longe uma mancha negra coroada por um ponto branco:

—Estava a ver daqui Almeida... — Uma pequena vila hoje sem importancia... — respondi

—Talvez não saiba uma coisa — retorquiu num sorriso triste. — Eu, integralista, sou neto de dois generais liberais! Um deles esteve alem preso, por *malhado*, mas os miguelistas não eram tão maus que o não deixassem de lá sair vivo e são... Não acha curioso que eu, neto de constitucionalistas, venha para estes mesmos sitios expiar a victoria de meu avô?...

—E', na verdade, curioso...

—Digamos antes providencial, para assim aceitar melhor o meu sacrificio. E ainda o meu amigo não sabe outra coincidência. Quando, depois de Monsanto, nos meteram em tropel, como um rebanho gafado numa casa-mata de S. Julião da Barra, fomos encontrar, já deitados, em camas donde escorria a água soldados presos de cavalaria. Receberam-nos aos vivos. A meio da prisão passava um rego imundo, onde se faziam as dejectões, e eu no meio daquela atmosfera, resignei-me a

aceitar, contente, a beira molhada de uma cama que um soldado me ofereceu, para passar a noite sentado.

—Contente?!  
Porque não? Precisamente n'aquelle sitio estivera preso o meu outro avô tambem general e tambem liberalista. Naquella noite de meditação encontrei bem o sentido da minha vida.

Foi a primeira expiação da victoria de meus avós... A republica, filha natural e logica da monarchia constitucional, fazia pagar-me cara a minha rebeldia contra as ideias democraticas de meus avós...

—E nenhuma revolta sentiu nessa hora contra eles?

—Nenhuma. Erraram talvez sinceramente, e o seu erro dá agora lugar á virtude da minha expiação.

—A expiação dos innocentes pelos culpados é a que Deus melhor aceita e mais depressa fructifica — respondi, recolhidamente, como se resasse.

—Tambem assim o creio. Nós somos a geração da expiação que não temos culpas no descalabro do paiz. E a sua familia interrogou curioso — tambem foi liberalista?

—Sim, a minha familia esteve sempre ligada aos partidos liberais...

—E como vê ella o seu ardentissimo integralismo?

—Ri-se... Bem vê Refoios: os nossos não podem comprehender que não cheguemos a ministros aproveitando as leis da democracia que fizeram o nosso mercieiro deputado...

—E temos de aceitar esse riso, essa incompreensão, acolhendo como uma honra preciosa a obscuridade e o desinteresse.

Decerto... Deus ha-de vêr o nosso sacrificio e aceita-lo.

De novo os olhos de Refoios pousaram esquecidamente sobre o ponto onde Almeida — a prisão do avô — se adivinhava.

E como se notasse o fio da meditação, que a minha visita viera interromper, continuou:

—Todavia, o amor que nos dá a familia anima-nos tanto! Olhe: quando estavamos em Monsanto e se fizeram os primeiros tiros para o Tejo, acima das casas da Rua do Comercio onde viviam minhas irmãs, pensei que não mais as tornaria a vêr...

—E sentiu que n'essa hora lhe faltava a coragem?

Nessa hora eu sentia acima de tudo a salvação de Portugal! Não estava eu ali para morrer? Se as vidas das minhas duas irmãs tambem eram necessarias, porque não havia de eu offerta-las com a minha? Ah! as minhas irmãs! Se soubesse como elas foram adoráveis no primeiro dia em que foi permitida a visita aos presos! Nem uma censura, nem um queixume! E todavia eu era necessario ao pão de casa e partira para Monsanto, para a morte, sem as avisar, sem um abraço! Ado-

imitemos a figura desse velho e honrado Conde de Arnoso. Como êle clamemos Justiça para as regias vitimas enquanto o dobre melancolico e sereno dos sinos nos vem recordar a monstruosa tragedia que ha 16 anos ensanguentou as

paginas brilhantes da nossa Historia.

Recordemos os Mortos, nesta hora que passa toda feita de luto, de tristeza e de meditação,

M. A. D'OLIVEIRA.

IMPrensa

"ECOS DA AVENIDA."

Completo o seu 35.º ano de publicação este nosso estimado colega da capital.

Ao seu dignissimo director, sr. Eduardo Arthur Castelo Branco, e a todo o corpo redactorial, apresentamos os protestos da nossa muita estima.

"A GRANDE NOVELA."

Recebemos os n.ºs 1 e 2 desta excelente publicação, de que é editor o nosso presado camarada e colaborador snr. Carlos de Ornelas.

Tanto o 1.º numero—Natal de Mendigos, devido á pena brilhante de Rocha Martins, como o 2.º numero Conversão por Lourenço Caiola, constituem uma excelente e sã leitura que muito recomendamos.

Secção de Sport

FOOT-BALL

No passado domingo realizou-se um encontro entre os 1.ºs grupos do Sporting Club de Braga e do Victoria Sport Club desta cidade, para inauguração do campo de jogos José Minotes.

O pontapé inicial foi dado pela sr.ª D. Luisa Jordão.

O jogo que decorreu muito monotono, terminou com o resultado de 4-0 a favor do Sporting, tendo todos os «goals» sido marcados na 1.ª parte.

A arbitragem a cargo de Malheiro, do Sporting, foi irregular.

O resultado poderia ter sido outro se os jogadores do Vitoria se convencessem de que não é com o jogo individual que hão-de ganhar, defeito este em que o «captain» do Onze Bracarense reparou.

Este mesmo nos declarou que gostou da forma correcta como os nossos jogadores se conduziram durante o desafio assim como da assistencia que, para ele, foi das melhores que tem encontrado. Ainda sobre os jogadores transcrevemos de uma carta que o arbitro nos enviou:

«Goal-Keeper — Fraco e sem colocação, não está á altura do restante grupo (o antigo era melhor).

Backs — Não me agradaram muito; tem pouca colocação; o esquerdo, por quem tinha excelente impressão de desafios anteriores, foi o peor.

Halfs — Pouco energeticos e sem ligação proficua, podiam, sem favor, fazer mais; não quizeram.

Forwards — Não estiveram á altura do seu valor. Abusam do jogo pessoal, motivo porque não marcaram. Destaco entre estes o avançado centro (Freitas) que se revelou incontestavelmente o melhor do grupo.

O conjunto, substituindo o keeper e perdendo em parte os defeitos apontados, viria a ser um dos melhores entre os melhores grupos do Minho».

Tambem no mesmo dia jogaram em Vizela o Grupo Sportivo Academico e o Sport Club de Vizela, vencendo o primeiro por 2-0.

Hoje, ás 14,30, joga o Vitoria com o Grupo Sportivo Oliveira Martins, do Porto.

A. D.



SANTA IGNEZ

Dissera-lhe Procopio: — «Ao teu cabelo, mais fulvo e doce do que o mel alpino, anda preso de ha muito o meu destino, na paixão de beijá-lo e de mordê-lo.»

E a Santa, a quem sómente o amor divino serve de guia, em mistico desvelo cerce cortou o deslumbrante vélo, mandando-o de presente ao libertino.

Dias depois, Ignez é condenada a ser exposta ao povo, desnudada e enche-se a vasta praça, lés a lés.

Rasgam-lhe o peplo . . . E o seu cabelo cresce, segue de perto a tunica que desce — e envolve-a toda, da cabeça aos pés!

DR. CAMPOS MONTEIRO.

Perigo de Vida

Uma vindima em Janeiro

Quem, na preterita 4.ª feira, passasse pela rua de Santo Antonio (ou 31 de Janeiro) teria a impressão de se estar fazendo alguma vindima, tal a quantidade de escadas vindimadeiras que se encontravam lançadas aos predios daquela rua.

Atraídos pela curiosidade quizeámos apreciar de perto o que se passava. Vimos, então, que não se tratava de uma vindima mas sim de uma reparação de fios de luz electrica a que estavam procedendo uns jornaleiros empregados na fabrica da luz electrica desta cidade.

Olhamos a ver se algum tecnico ou pessoa competente estava assistindo a essa reparação. Mas, por mais que procurassemos, não vimos tecnicos alguns.

E os homens lá continuaram na sua faina—escada abaixo, escada acima—sem ninguém que os orientasse.

Ora, como sabem, a nossa cidade é atravessada por varios cabos electricos de maior e menor voltagem. E com gente inexperiente nada mais casual que ligarem a um fio da menor intensidade um outro de maior tensão. Isto ocasiona, como é do conhecimento de todos, uma fusão de maiores ou menores consequencias, co-

mo, um dia antes, se deu em duas casas daquela mesma rua.

Continuamos, pois, sob a ameaça do Perigo de vida, enquanto tudo crusa os braços e deixa correr a manobra.

Depois, queixem-se!

MISSA

Por alma de S. M. El-Rei D. Carlos e do Principe D. Luiz celebrou-se na Igreja da Misericordia uma missa que foi muito concorrida.

O «Gil Vicente» e a J. M. fez-se representar pelo sr. M. A. d'Oliveira.

Imagens e todos os objectos religiosos

Esta casa tem grande quantidade em deposito de imagens em vulto e de diferentes tamanhos, como sejam de Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora de Lourdes, Sagrado Coração de Jesus, Sagrado Coração de Maria, Santo Antonio, S. José, Santa Rita, Menino Jesus, etc; bom sortido em medalhas oxidadas e aluminio, crucifixos, pequenas imagens para livros e catecheses, terços, broches com imagens e muitos outros artigos que vende a particulares e com grandes descontos aos revendedores.

Rua do Loureiro, 74, Porto — Casa Monteiro Pereira.

raveis, foram adoraveis! Tambem eu fiz tudo para as animar, durante, a minha prisão. Pobre doente, fui dos presos que tinha apenas o rancho coberto de bacalhau pôdre e quantas vèzes cheio de bichos! E sabe? Fechava os olhos e comia, devorava como um cão faminto! Consegui assim aguentar-me... até chegar aqui... Eu não tinha o direito de diminuir o pão de minhas irmãs, e sempre que elas voltavam incutia-lhes força, animo, energia! E elas bem mereciam este sacrificio, porque foram adoraveis, simplesmente adoraveis!

E o Refoios quasi punha as mãos, ao repetir a palavra adoraveis que soava aos meus ouvidos como uma benção.

—Foi, então para si um dia de maior luta, esse primeiro dia de visita ás prisões?

—E que luta, meu amigo! Se soubesse o resto, o picr...

Fez-se um silencio amargo e comovido, em que os nossos olhos adejaram sobre aquela paisagem severa de serranias altas e vales fundos.

Nos olhos sempre enxutos e resignados de Refoios, eu descobri um segredo intimo que deseja expandir-se.

Tomei-lhe a mão febril, a animar-lo na confissão:

—Um integralista diz sempre tudo, Refoios!

—Mas que luta, meu Amigo! Se lhe disser que nessa hora me fez falta a visita que eu mais esperava! Faltou alguém do meu sangue, alguém que eu julguei ser o primeiro a orgulhar-se do meu martirio.

E numa voz branda, de suavissimo e facil perdão:

—Não faltou por mal: havia nessa tarde uma festa religiosa numa igreja de Lisboa a que não quiz faltar.

—Então nessa hora V. sentiu um frémito anti-religioso?

Oh! não! Pelo contrario. Deus concedeu-me a graça de mais valorisar a minha prisão, aumentando-a com mais esse sacrificio.

Novo silencio, mais demorado, em que os nossos corações batiam numa mistica exaltação!

—Quanto mais sofrermos, Refoios, mais forças teremos no tesouro das energias nacionaes para a victoria!...

—Decerto!... Decerto!...

Nos meus olhos havia lagrimas. Nos de Refoios sempre a mesma claridade dolorida de sua Paixão, aceite com alegria e com gloria.

—Ah! meu caro Refoios! exclamei esquecendo-me de ser caridoso — Os nossos vivos mal merecem que lhes usemos o nome.

Como é duro!

—Não, Refoios, aqui não ha censura para aqueles dos nossos que não possam entender-nos. Os moços de hoje não pertencem a suas familias, pertencem á Nação. Todos os integralistas que se deram inteiros, todos aqueles que, alem do Amor de Deus, não tem na vida outro amor imenso, só um apellido deviam usar Portugal.

—E não fariamos ofensa deixando de usar os nomes dos avós que não erraram?

—Voltariamos a eles depois da victoria, depois de os termos resuscitado...

Nesta pequena discussão, ambos sorriamos porque um e outro viviamos infinitamente dedicados aos nossos, a eles presos para sempre.

Neste momento chegou o correio. Entre as cartas veio uma que o Refoios logo abriu cariciosamente.

—Da minha noiva... murmurou

Eu estremei á ideia de ver em breve aquela rapariga, de luto. O medico garantira-me que o Refoios era entre os seus doentes aquele que certamente se teria curado se não fóra o tratamento tardio das lesões contraidas na prisão.

O proprio coração estava apanhado e a sua voz já soava estranhamente como um clarim rótico de combate.

Ao dobrar a carta, comentou: —Eu sou daqueles doentes que não se enganam e não enganam. Já fui habituando a minha noiva á hipotese improvavel da minha cura...

Eu quiz protestar, dar-lhe animo.

—...Mas não me assusto, descanço. O Hipolito Raposo quiz que eu viesse descançar porque é a ele, unicamente a ele, que eu devo, na minha agitada vida estes dias de paz... Estou aqui ganhando uns quilos de força para gastar no inverno... Depois vem um dia em que a força acaba...

Mas o medico...—ia eu a interromper.

—O medico, meu amigo, não pode fazer-me mais. Nem ele, nem os remedios. De resto eu já dei ao meu paiz tudo o que ele me podia exigir...

—Sabe lá a gente quando acaba!...—fz ainda.

—Por mim, sei que lá para abril... Como estamos em setembro faltam-me ainda uns mezes.

Pobre Refoios! Não foi em abril que ele morreu. Partiu com as primeiras rosas de maio...

A sua ultima carta, de Lisboa, trazia reflexos de amarguras novas que ele já me não quiz contar, mas nunca mais me saiu esta conversa heroica e sagrada, feita quasi á beira do seu tumulo.

Os anos passam, e na minha saudade de integralista, quando sinto uma necessidade maior de evocar alguém que me faça companhia, nesta dor de ver a Patria a apodrecer, é o martirio de Refoios, como simbolo de tantos outros, que vem da outra vida consolar-me.

Que neste martirio se inspirem todos aqueles que são patriotas.

O amor da Patria é como o Amor de Deus! quem a quizer servir, integralmente, tem de ouvir esta voz: vende tudo o que tens e segue-me. Ou seja: dá á Patria todo o teu oiro, todo o teu sangue, toda a tua vida...

Não: serve com mascula e heroica pureza aqueles que com o rico do Evangelho, ao vender os seus bens, guardam ainda alguma coisa...

As ideias de redenção exigem dos seus melhores cavaleiros os extremos sacrificios.

Como no Calvario, quando o sangue se esgota ha ainda agua para correr das veias, é nesta agua de martirio que Deus batiza as ideias de redenção.

Os que saem do combate momentaneamente gloriosos, guardando uma bolsa de libras, entram logo em tentação se o oiro dessas libras, é aproveitado em doirar o brasão da sua gloria ou o carro onde a passeiam.

Quantas vezes eu me penetro destas verdades enquanto os amigos, á minha volta, falam de politica...

As suas vozes perdem-se para os meus ouvidos, e é no retrato de Refoios que os meus olhos se fixam e se consolam...

A' minha cabeceira, para orar por ele e pelos que foram como ele, tenho o rosario que a minha santa mãe me confiava, para passar as contas, quando resavamos a coroa em familia, e, a dominar os meus livros, a simbolisar o sacrificio purissimo de tantos, tenho um Pelicano de talha antiga que um fidalgo democrata desterrou da abobada da sua capela para o substituir por uma grinalda reluzente de folhas de acanto...

E é lhando estes três simbolos de Fé, Martirio e Devoção que a minha alma estuda e o meu coração se fortalece...

E' nesta atmosfera de estudo e meditação que o Refoios vem ter comigo!

Meu belo amigo de poucas horas, como eu te lembrarei por toda a vida!...

**ESTABELECIMENTO DE MODAS,  
FAZENDAS BRANCAS E MIUDEZAS.**

Sedas, pelúcias e veludos. Tecidos para vestidos em lã e algodão.  
Tecidos para forros em seda e algodão.  
Espartilhos da fabrica SANTOS MATOS.

**Salgado - Guimarães**

**Casa High-Liff**

Modas e Miudezas. Chapéus para  
senhora e criança

**TOURAL**

**GUIMARÃES**

**A TENTADORA**

**BERNARDINO ALMEIDA & COSTA, L. DA**

Fazendas brancas, Modas e miudezas  
ESPECIALIDADE EM BORDADOS DE GUIMARÃES  
CAMISARIA, GRAVATARIA E PERFUMARIAS

120, Rua da Republica, 122 e 122-A

Sempre as maiores Novidades. Exposições Permanentes.

**MATERIAIS PARA CONSTRUÇÃO**

DEPOSITO DE CAL, CIMENTO, TINTAS, VERNIZES  
E ARTIGOS CONCERNENTES  
PARA PINTOR E CAIADOR.

A Casa que mais barato vende.

*Amandio Teixeira de Carvalho*

Rua Dr. Avelino Germano—GUIMARÃES.

**A ULTRAMARINA**

Nova Agencia de Passagens e Passaportes

UNICA CASA QUE NA CIDADE DE GUIMARÃES  
PODE TRATAR, CUJO AGENTE OFICIAL É

**João Esteves**

RUA ELIAS GARCIA (Antiga Rua de Santa Maria)

**GUIMARÃES**

Esta casa que acaba de abrir legalmente habilitada pelos  
Ex. mos Srs. Ministro do Interior e Comissario Geral dos Serviços  
de Emigracão, trata de todos os documentos necessarios para obter  
passaportes com destino ao — BRAZIL, ARGENTINA, FRAN-  
ÇA, AFRICA e HESPAÑA e mais nações da America e da  
Europa. Trata-se de passagens para toda a parte, nos melhores  
vapores de todas as Companhias de qualquer nacionalidade.

Dar a preferencia a esta casa é obter a certeza de nunca  
terem margem a qualquer reclamação.

O proprietario desta casa procurará todos os meios para  
que os seus passageiros sigam ao seu destino o mais rapido pos-  
sivel, para, assim, se tornar conhecido o seu nome e a sua casa.

Procurem e peçam informaçoes á ULTRAMARINA e  
estas serão dadas gratuitamente.

Dirigir CORRESPONDENCIA ao AGENTE OFICIAL

**JOÃO ESTEVES**

Passagens e Passaportes — Guimarães.

**CARTILHA MONARQUICA**

**CARTILHA DO OPERARIO**

PREÇO DE CADA 500 REIS

Pedidos á administração do nosso jornal

**LIAM**

**A NAÇÃO PORTUGUESA**

:: REVISTA MENSAL DE ::  
CULTURA NACIONALISTA

Director: DR. ANTONIO SARDINHA

Redacção e Administração:

LARGO DO DIRECTORIO, 8-3.º — LISBOA

Modas e Confeccões

**JOÃO RIBEIRO**

ALFAITE

Rua 31 de Janeiro, 132

**GUIMARÃES**

**CARPINTARIA VIMARANENSE**

A MAIS ECONOMICA

Rua Elias Garcia (Casa do arco) — Guimarães

Encarrega-se de todos os trabalhos de construção civil com segurança.

**Gil Vicente**

Preço da assinatura  
(Pagamento adiantado)

PORTUGAL

Ano . . . . . 70000 reis  
Espanha . . . . . 90000 »  
Africa . . . . . 100000 »  
Brazil . . . . . 120000 »  
Numero avulso . . . . . 150 »

Preço das publicações  
(Pagamento adiantado)

Anuncios e comunicados, linha . . . . . 200 reis  
Repetições, por linha . . . . . 150 »  
Permanentes, contrato convencional.  
Reclames, no corpo do jornal, até 5  
linhas, cada um . . . . . 20000 »  
Anunciam-se as publicações que o mere-  
çam, mediante dois exemplares gratis.  
Anuncios, não judiciais, para os srs. assi-  
nantes, 30 por cento de abatimento.

**Gil Vicente**

ANO VI N.º 176

2.ª Série N.º 52

*Ex. mo Sar.*